

DAS GLÜCK DES ANTIKEN MENSCHEN

Der nachantike Mensch kennt vielleicht nur eine einzige seelische Verfassung, in der er sein Inneres mit voller Reinheit und voller Grösse zugleich zum Ganzen der Natur, des Kosmos in Beziehung setzt, nämlich den Schmerz. Der sentimentalische Mensch, wie Schiller ihn nenne, kann ein annähernd reines und grosses, das heisst annähernd naives Gefühl seiner selbst nur um den hohen Preis gewinnen, dass er sein ganzes inneres Wesen zu einer von der Natur geschiedenen Einheit zusammenfasst. Noch seine höchste menschliche Einfachheit und Einfalt beruht auf dieser Scheidung von der Natur durch den Schmerz und in dieser Entgegensetzung tritt denn wieder zugleich ein sentimentaliches Phänomen und zugleich eine Reflexion in die Erscheinung. Es liegt geradezu der Gedanke nahe, als sei die Reflexion mit solcher Intensität dem modernen Menschen verhaftet, dass im schlichten, einfältigen Glück, das den Gegensatz zur Natur nicht kennt, der innere Mensch ihm allzu gehaltlos und uninteressant erscheint, um im tiefsten frei nach aussen sich zu entfalten, um nicht vielmehr in einer Art von Scham im Verborgnen, Engen zu bleiben. Auch dem modernen bedeutet das Glück naturgemäss einen Zustand der naiven Seele $\chi\alpha\tau' \acute{\epsilon}\xi\omicron\chi\eta\nu$, aber nichts ist bezeichnender, als sein Versuch, diese reinste Offenbarung des Naiven ins Sentimentalische umzudeuten. Die Begriffe der Unschuld und des Kindlichen mit ihrem Wust falscher und verdorbener Vorstellungen bestreiten diesen Prozess der Umdeutung. Während die naive Unschuld, die grosse, in unmittelbarer Berührung mit allen Kräften und Gestalten des Kosmos lebt, ihre Symbole in der Reinheit, Kraft um Schönheit der Gestalt findet, bedeutet sie

A FELICIDADE DO HOMEM DA ANTIGUIDADE

Alexandre Ribeiro

O sofrimento... o homem da pós-antiguidade talvez conheça apenas esse único estado da alma, no qual ele com toda pureza e grandeza, ambas ao mesmo tempo, coloca o seu interior em relação ao todo da natureza, e do cosmos. O homem sentimental, assim o denomina Schiller, só consegue alcançar um sentimento mais próximo do puro e grandioso pagando o alto preço de resumir a totalidade da sua essência interior numa unidade dissociada da natureza, isto é, mais próximo de um sentimento ingênuo de si próprio. Além disso, sua mais alta simplicidade humana e ingenuidade fundamentam-se nesta separação da natureza através do sofrimento, e, neste contexto de contraposição surge, pois, novamente, ao mesmo tempo, um fenômeno sentimental concomitante a uma reflexão. Está agora mais claramente perto dos pensamentos, como se a reflexão estivesse com tal intensidade atrelada ao homem moderno, que na mera e ingênua felicidade desconhecadora da oposição à natureza, felicidade essa, à qual o homem interior parece ser desinteressante e deveras desprovido de conteúdo na sua liberdade mais profunda, ele parece se desenvolver saindo de si mesmo de forma a não mais ficar numa espécie de vergonha dentro de um esconderijo, dentro dessa estreitidão. A felicidade significa também para o moderno, nos termos da natureza, um estado da ingênua alma $\chi\alpha\tau' \acute{\epsilon}\xi\omicron\chi\eta\nu$ mas, nada é mais caracterizador, do que a sua tentativa de dar um outro significado a esta pura revelação do ingênuo em sentimental. Os conceitos de ingenuidade e de infantil com seu deserto de imaginações falsas e corrompidas contestam este processo de mudança de significado. Enquanto a tola, a grandiosa inocência vive em

dem modernen die Unschuld des Homunkulus, eine mikroskopische Diminutivunschuld, in Form einer Seele die von der Natur nichts weiss, die durch und durch verschämt, auch vor sich selbst ihren Zustand nicht zu erkennen wagt, gleichsam – um das zu wiederholen – als sei ein glücklicher Mensch ein allzuleeres und ausgeblasenes Gehäuse, um nicht bei seinem eignen Anschauen in Scham zu versinken. Daher hat die moderne Empfindung des Glückes das Kleinliche und Heimliche zugleich, und sie hat die Vorstellung der glücklichen Seele geboren, die ihr Glück vor sich selbst in beständiger Tätigkeit und künstliche Gefühlsverengerung verleugnet. Die gleiche Bedeutung hat die Vorstellung vom kindlichen Glück, da sie auch im Kinde nicht das fühlende, reine Wesen sieht, dem unmittelbar als einem andern Gefühl zum Ausdruck wird, sondern sie sieht ein egozentrisches Kind, eines das aus Unwissenheit und Verspieltheit die Natur umdeutet und verkleinert zu uneingestandenem Gefühlen. In Büchners "Lenz" ist in einer Phantasie des Kranken, der sich nach Ruhe sehnt, das kleine Glück der Sentimentalen Seele so geschildert: "Sehen Sie", fing er wieder an, "wenn sie so durchs Zimmer ging und so halb für sich allein sang, und jeder Tritt war eine Musik, es war so eine Glückseligkeit in ihr, und das strömte in mich über; ich war immer ruhig, wenn ich sie ansah oder sie so den Kopf an mich lehnte, . . . Ganz Kind; es war, als wär ihr die Welt zu weit: sie zog sich so in sich zurück, sie suchte das engste Plätzchen im ganzen Haus, und da sass sie, als wäre ihre ganze Seligkeit nur in einem kleinen Punkt, und dann war mir's auch so; wie ein Kind hätte ich dann spielen können."

contato tão próximo com todas as forças e formas do cosmos e encontra seus símbolos na pureza, na força da forma, ela mesma significa para o moderno a inocência do homúnculo, uma diminutiva inocência microscópica, em forma de uma alma que nada sabe da natureza, que despreza totalmente, também, a si mesma, não ousando reconhecer seu estado, da mesma forma - para repetir isto - como se um homem feliz fosse uma carcaça vazia e aspirada de tudo, para não mergulhar em vergonha ao olhar para si mesma. Por isso, a sensação moderna da felicidade tem ao mesmo tempo o pequeno e o oculto e ela deu luz à imaginação da alma feliz que nega sua felicidade perante si mesma em atividade contínua e estrangulamento artificial de sentimento. O mesmo significado tem a imaginação da felicidade infantil, uma vez que ela também não enxerga na criança a criatura pura que sente, à qual se torna, mais que imediatamente possível, expressão de um outro sentimento, porém, ela enxerga uma criança egocêntrica, uma criança que transforma, por desconhecimento e ludismo, a natureza e a reduz a sentimentos inconfessos. No "Lenz" de Büchner assim está descrita na fantasia de um enfermo, que anseia por tranquilidade, a parca felicidade das almas sentimentais: "Vejam, ele começou a narrar outra vez, como ela caminhava pelo quarto e cantarolava sozinha para si, e cada passo era uma melodia, era assim uma felicidade dentro de si e isso jorrava sobre mim; eu sempre ficava calmo, quando a contemplava ou quando ela encostava sua cabeça em mim, bem criança... era como se o mundo fosse para ela muito distante; ela retraía-se procurando o cantinho mais apertado de toda a casa e lá ficava sentada como se toda a sua beatitude estivesse em apenas um minúsculo ponto e, então, para mim também acontecia desta mesma forma e, assim, eu teria sido capaz de brincar como uma criança".

Es ist entscheidend für das Bild, das der antike Mensch vom Glück hat, dass jene kleine Bescheidenheit, die im Individuum das Glück begraben, es durch Reflexion unerreichbar tief in seinem Innersten verbergen will (als Talisman gegen das Unglück), bei ihm zu ihrem furchtbarsten Gegenteil wird, zum Frevel des wahnwitzigen Hochmuts, zur *ύβρις*. *ύβρις* ist dem Griechen der Versuch, sich selbst – das Individuum, den innern Menschen – als Träger des Glückes darzustellen, *ύβρις* ist der Glaube, Glück sei eine Eigenschaft, und gar noch die der Bescheidenheit, *ύβρις* der Glaube, Glück sei etwas anderes als ein Geschenk der Götter, das diese jede Stunde nehmen können, die jede Stunde unerhörtes Unglück dem Sieger verhängen können (wie dem heimkehrenden Agamemnon). Damit ist es nun gesagt, dass die Gestalt, in der das Glück den antiken Menschen heimsucht, der Sieg ist. Sein Glück ist ein Nichts, wenn nicht dies – dass die Götter es ihm verhängen, und sein Verhängnis ist es, wenn er glauben will, *ihm* und gerade *ihm* hätten die Götter es gegeben. In dieser höchsten Stunde, die den Menschen zum Heroen macht, die Reflexion von ihm fernzuhalten, in dieser Stunde alle Weihen über ihn auszugießen, die den Siegenden mit seiner Stadt, mit den Hainen der Götter, mit der *ευσέβεια* der Voreltern und endlich mit der Macht der Götter selbst versöhnen, sang Pindar die Siegeshymnen. Und so ist dem antiken Menschen am Glück beides zugemessen; Sieg und Feier, Verdienst und Unschuld. Beides von der gleichen Notwendigkeit und Strenge. Denn keiner kann da mehr auf Verdienst pochen, wo er in den Wettkämpfen ein Kämpfer ist, auch dem Vortrefflichsten können die Götter den Herrlichern gesandt haben, der ihn in den Staub wirft. Und er – der Sieger wird umsomehr wieder den Göttern danken, die ihm Sieg über den

É decisivo para a imagem que o homem da antiguidade tem da felicidade que cada simples modéstia que quer enterrar a felicidade no indivíduo e escondê-la através da reflexão nas profundezas do seu ser de forma a não mais encontrá-la (como um talismã contra o infortúnio) torne-se nele o seu opositor mais terrível, um sacrilégio da louca arrogância ridícula, o *ύβρις*. *ύβρις* é para o grego a tentativa de representar a si próprio - o indivíduo, o homem interior - como aquele que carrega a felicidade, *ύβρις* é a crença de que a felicidade seria uma qualidade e, a rigor, além disso, a qualidade da simplicidade, *ύβρις* da crença de que a felicidade seria algo mais do que um presente dos deuses, que podem tomá-lo a qualquer momento e, da mesma forma, impor ao vencedor grandes infortúnios (como aconteceu com Agamenon quando retornava ao lar). Com isto agora está dito que a forma, na qual a felicidade procura abrigo no homem da antiguidade, é a própria vitória. Sua felicidade não é nada a não ser esta - a que os deuses lhe impõem e o seu destino é, se ele assim quiser acreditar, que os deuses teriam dado a *ele* e, logo a *ele*. Neste ponto alto dos acontecimentos que transforma o ser humano em herói, mantê-lo distante da reflexão, nesta hora derrama sobre ele todas as bênçãos que reconciliam o vencedor com sua cidade, com os bosques dos deuses, com a *ευσέβεια* dos tataravós e, finalmente, com o próprio poder dos deuses, exatamente no auge desse momento, cantou Píndaro os hinos de glória. E assim, ambos foram adicionados ao homem da antiguidade: vitória e comemoração, mérito e inocência. Ambos com iguais necessidades e rigor. Pois ninguém pode mais exigir mérito, onde ele próprio é um combatente na luta, e também os deuses podem ter enviado ao notável o maravilhoso que o joga na poeira. E ele, o

<p>Heldenhaftesten verliehen. Wo bleibt hier das starre Pochen auf Verdienst, die abenteuerhafte Erwartung des Glücks, die dem Bürger das Leben fristen? Der ἀγών, und dies ist ein tiefer Sinn seiner Institution, fristet jedem das Maß des Glückes, das Götter ihm verhängen. Wo aber bleibt auch die leere müßige Unschuld des Unwissenden, mit der der Moderne sein Glück vor sich selber verbirgt? Allen sichtbar, gepriesen von dem Volke steht der Sieger da, Unschuld tut ihm bitter not, der das Gefäß des Sieges wie eine Schale voll Weines in erhobenen Händen hält, von dem ein verschütteter Tropfen auf ihn fallend ihn ewig befleckt. Verdienst hat er nicht zu verleugnen und nicht zu erschleichen, das die Götter ihm gaben, und nicht Reflexion auf seine Unschuld tut ihr not, wie der kleinen, unruhigen Seele, sondern Erfüllung der Weihen, damit der göttliche Kreis, der ihn einmal erwählt, den Fremdling bei sich halte als Heroen.</p> <p>Das Glück des antiken Menschen ist beschlossen im Siegesfest: im Ruhm seiner Stadt, im Stolze seines Gaus und seiner Familie, in der Freude der Götter und im Schläfe, der ihn zu den Heroen entrückt.</p>	<p>vencedor, tanto mais agradecerá aos deuses, que lhe concederam a vitória sobre o que há de mais heroico. Onde fica aqui a exigência pasma por mérito, a aventureira expectativa de felicidade, que põe prazo na vida do cidadão? O ἀγών, e isto é um sentido profundo de sua intuição, dá um prazo a cada um da medida da felicidade à qual deuses lhe destinaram. Onde fica, porém, a vazia inocência obrigatória do desconhecedor, com a qual o moderno esconde de si mesmo sua felicidade? Visível a todos, saudado pelo povo, ali está postado o vencedor, inocência causa amarga necessidade àquele que mantém em mãos erguidas o vaso do vencedor como um cálice cheio de vinho, vinho do qual uma gota derramada sobre ele manchou-o eternamente. Mérito ele não deve negar nem obter, isto lhe foi dado pelos deuses e ele não deve ter necessidade de reflexão sobre sua inocência, como a pequena alma inquieta, e sim o preenchimento pela consagração para que o círculo dos deuses, que o tendo escolhido, mantenha o intruso em si como herói. A felicidade do homem da antiguidade está decidida na comemoração da vitória. Na fama de sua cidade, no orgulho de sua terra e de sua família, na alegria dos deuses e no sono que o empurra para os heróis.</p>
--	--

BENJAMIN, Walter. **Aufsätze Essays Vorträge. Gesamelte Schriften Band II**
 - 1, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991. S. 126-129.